



Discursos sobre um quilombo urbano: Uma revisão narrativa de literatura

*Discourses about an urban quilombo:
a narrative literature review*

*Discursos sobre un quilombo urbano:
una revisión de la literatura narrativa*

Jade Rehen [*]
Neiva de Assis [**]

[*] Psicóloga formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Saúde da Família pela Escola de Saúde Pública de Florianópolis (ESP/PMF). E-mail: jadekasturp@gmail.com

[**] Professora no departamento de Psicologia e no Programa de Pós graduação em Psicologia - PPGP na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: neivapsi2016@gmail.com

Resumo: O artigo desenvolve uma revisão bibliográfica do tipo narrativa sobre a comunidade do Morro da Queimada – território constituído como remanescente de quilombo em Florianópolis - SC. As leituras dos materiais encontrados orientaram-se por perguntas a respeito dos modos como o território foi abordado e investigado por diferentes campos do conhecimento, analisando as formas e os sentidos que adquire nessas discursividades. Foi possível entrever um território marcado por práticas discursivas de homogeneização colonialista, que se entrelaçam com a discussão do reconhecimento ético-político de corpos negros. Ainda, sob uma leitura a contrapelo, identificamos modos de dizer do território que evidenciam suas potências como investido de subjetividade, afetividade e ancestralidade afro.

Palavras-chave: narrativas; territorialidades; quilombo urbano.

Abstract: The article develops a narrative-type bibliographic review of the Morro da Queimada community — a territory constituted as remnant of a quilombo in Florianópolis, Santa Catarina. The readings of the materials found were guided by questions about the ways in which the territory was approached and investigated by different fields of knowledge, analyzing the forms and meanings that it acquires in these discourses. It was possible to glimpse a territory marked by discursive practices of colonialist homogenization, which are intertwined with the discussion of the ethical-political recognition of black bodies. Furthermore, under a counter-reading, we identified ways of speaking about the territory that highlight its potential as invested with subjectivity, affectivity, and Afro ancestry.

Keywords: narratives; territoriality; urban quilombo.

Resumen: El artículo desarrolla una revisión bibliográfica narrativa sobre la comunidad de Morro da Queimada, un territorio constituido como remanente de quilombo en Florianópolis, Santa Catarina. Las lecturas de los materiales encontrados se orientaron por preguntas sobre las formas en que el territorio fue abordado e investigado por diferentes campos del conocimiento, analizando las formas y los significados que adquiere en esos discursos. Fue posible vislumbrar un territorio marcado por prácticas discursivas de homogeneización colonialista, que se entrelazan con la discusión del reconocimiento ético-político de los cuerpos negros. Además, bajo una lectura a contracorriente, identificamos formas de expresar el territorio que evidencian sus potencialidades como investido de subjetividad, afectividad y ancestralidad afro.

Palabras clave: narrativas; territorialidades; quilombo urbano.

A história, como categoria unívoca, historiografia clássica, configura-se como uma disputa de narrativas e sua escolha não é arbitrária, como salienta o historiador da literatura brasileira Alfredo Bosi (1992). Para contar, no sentido de narrar, é necessário enumerar, nomear, o que implica o ato de tornar a história - enquanto disciplina – e a memória das sociedades submetidas a fatos inequívocos e sistematizados cronologicamente, tornando a historiografia um acúmulo de fatos. A história carrega ainda consigo silenciamentos. A perspectiva de narrar um acontecimento, de estruturar uma maneira de dizer sobre a história é também encerrar consigo a possibilidade de dizer o que não está sendo dito, na medida em que o silêncio existe em relação à linguagem.

Nesse ponto, pode a história utilizar-se de dois conceitos que, apesar de emergirem de linhas filosóficas distintas, acabam por convergir, a saber: a ideia de progresso e a de evolução (Bosi 1992). Ambos os conceitos sugerem uma temporalidade histórica linear, onde as sequências de tempos progridem em uma evolução hierárquica entre o passado, presente e futuro. Essa perspectiva do caminhar do tempo cronológico para um horizonte de progresso sustenta-se na ideia da história como sistematização de fatos e acontecimentos, não somente datados, mas ditos consistentes. O equívoco aqui parece ser a denegação da perspectiva narrativa da história, para além de sua factibilidade, de suas certezas. Ou melhor, a denegação da existência de narrativas, de histórias no plural, diferentes narrativas das experiências do humano na história (Jasmin 2015). Na ânsia de narrar eventos históricos e determinados acontecimentos do ponto de vista de uma sequência causal, direcionada para um ponto definido do fim da história, ocorre o silenciamento da complexidade dos contextos diversos, sua contingência, sua indeterminação e sua singularidade.

Em seu texto intitulado “Teses sobre o Conceito de História”, Walter Benjamin (2012) discute criticamente o historicismo e argumenta que os defensores desse modo de produzir história estabelecem uma relação de empatia e de identificação com os vencedores, em benefício sempre e

inevitavelmente de seus herdeiros, os dominadores de hoje. Nesta mesma tese, Benjamin (2012) escreve em uma passagem sobre a necessidade de escovar a história a contrapelo - Tese VII. Nessa conhecida expressão benjaminiana, temos como perspectiva uma revolução do olhar para a história e sua narrativa. “Escovar a história à contrapelo” se refere a posicionar-se do lado dos vencidos, da tradição e das culturas populares ignoradas pela narrativa oficial, não se render aos bens culturais hegemônicos, mas sim contemplá-los com distanciamento para que possam ser produzidos caminhos alternativos aos que são contados.

Aproximamos nesse texto, a reflexão sobre história, sobre tempo presente às configurações dos espaços, pois estes carregam consigo inúmeros tensionamentos de forças, estruturando-se através das disputas simbólicas pela apropriação material dos espaços. Essa articulação tempo-espaço permite analisar as cidades, com suas dinâmicas particulares de centralidade e periferização, de acessibilidade ao espaço público e as dinâmicas de segregação social, representações da síntese do capitalismo, onde revelam-se contradições e conflitos operantes no jogo social (Nogueira 2009). As cidades apresentam organizações espaciais produzidas a partir de seus tensionamentos e ordenações simbólicas. Ao espaço encontram-se intrincadas as dinâmicas sociais e intersubjetivas dos sujeitos que o ocupam, explicitando lugares sociais e espaciais. Podemos dizer que o espaço é composto por um campo de forças multicomplexo, e, é importante considerar não apenas as relações socioeconômicas ali postas, mas também, e no caso deste estudo, principalmente, os laços culturais, as relações de pertencimento, os modos de vida e de produções simbólicas entretecidas (Santos 2003).

As compreensões abordadas brevemente sobre tempo e espaço, história e geografia, que compõem esse trabalho, partem de um projeto de pesquisa que vem dedicando-se a produzir conhecimentos que articulem educação e cidade sob o olhar da psicologia. Nossas investigações buscam conhecer experiências educativas não escolares que dialoguem com o espaço urbano, com a alteridade e com modos outros de produzir memórias (Assis e Rehen 2026; Assis 2024; Assis 2023; Assis e Gesser 2023; Wolmann e Assis 2020). Nesse processo constatamos significativas experiências concentradas no território e ali construímos atividades de extensão universitária, caracterizadas pela eleição e vinculação do grupo de pesquisadores/as a uma iniciativa comunitária no Morro da Queimada com ações de educação não escolar em torno da afirmação da cultura afro.

Para uma breve apresentação ao contexto foco deste estudo, podemos dizer que a comunidade está localizada na área central da cidade, compondo, junto a outras 16 comunidades, o Maciço do Morro da Cruz (MMC). A discussão a respeito do número de comunidades que compõem o Maciço é controversa, divergindo de acordo com a fonte de informação, alguns contam como 18 (Tomás

2012), outros 21 (Dantas 2012). No entanto, nos relatórios oficiais da Secretaria Municipal de Infraestrutura de Florianópolis, Santa Catarina, esse número corresponde a 17 comunidades. É importante salientar que o número que consta nos relatórios das políticas públicas municipais corresponde somente às comunidades reconhecidas pelo poder público, segundo projetos e ações na área de habitação e saneamento ambiental, sendo menos determinante para as dinâmicas internas do território do que as divisões realizadas pelos próprios moradores.

A área do Maciço é considerada periurbana central, pois, apesar de estar localizada no centro geográfico da cidade, não pertence à dinâmica dessa centralidade no que tange à circulação e aglomeração de instituições de interesse coletivo, operando como uma parcela invisível da região (Tomás 2012). O Morro da Queimada, reconhecido como território remanescente de quilombo, integra o Maciço e compõe essa porção invisibilizada da dinâmica da cidade, onde a circulação dos interesses, da economia, e das produções discursivas fazem ocultar uma parcela significativa da população em Florianópolis.

Construímos nos últimos seis anos aproximações com esse território da cidade, por meio de ações de pesquisa, ensino e extensão. Desde então, interessou-nos conhecer sobre o processo de ocupação da localidade, bem como aspectos socioeconômicos. Para este estudo, definimos como objetivo analisar discursos presentes nas publicações acadêmicas sobre o território denominado Morro da Queimada, em Florianópolis.

Nessa direção, algumas questões nortearam essa investigação, tais quais: a) de que maneira o Morro da Queimada é retratado nas publicações acadêmicas? b) Quais narrativas predominam sobre a paisagem e o território, bem como seu processo de ocupação? Para que essas questões pudessem ser abordadas realizamos um estudo a partir das publicações acadêmicas encontradas sobre a comunidade, buscando problematizar os textos publicados sobre o território. Com essas questões como horizonte, construímos um percurso metodológico de identificação e análise de publicações encontradas, guiadas pela proposta de revisão de literatura narrativa que a seguir apresentaremos.

Sobre o Caminho de Pesquisa

O contato iniciado por nós, pesquisadoras e pesquisadores, com as pessoas e as atividades educativas na localidade provocou a necessidade de melhor compreensão sobre os discursos produzidos sobre este território. Por isso, elegemos como procedimento de pesquisa, a revisão de literatura narrativa, por incluir diferentes tipos de documentos e por permitir uma ampla descrição sobre o assunto de forma rápida, produzindo uma atualização dos estudos sobre a temática (Cavalcante e Oliveira 2020). A busca foi realizada na base de dados do Google Acadêmico, uma

ferramenta gratuita, que permite localizar trabalhos acadêmicos de vários tipos (artigos de congressos, teses e dissertações, artigos de periódicos), em diversas línguas, disponibilizadas em repositórios na web ou sites acadêmicos (Santos, Silva Neta e Santos, 2024). Compreendemos que seria favorável utilizar uma ferramenta de busca que recolhe diversos tipos de textos acadêmicos, pois desejávamos encontrar outros materiais, para além de publicações de artigos científicos, teses e dissertações, revisados por pares, que pudessem trazer indicativos da própria produção e formação universitária em torno de questões como segregação socioespacial, periferia e relações raciais.

Encontramos poucos textos sobre o Morro da Queimada e identificamos na escrita desses materiais, discursos acadêmicos que reverberavam, reproduziam, ecoavam vozes que frequentemente escutávamos sobre a localidade nas ruas, nos noticiários, no cotidiano da cidade (autor). Diante do incômodo com a paisagem reproduzida também em textos acadêmicos e alimentados/as pela proposta de Benjamin de escovar a história à contrapelo, organizamos todos os materiais encontrados, e depois de sistematizados, elencamos algumas categorias que foram pensadas a partir das contribuições da análise dialógica de discurso em Mikhail Bakhtin (2011, 2013). Por meio da leitura cuidadosa e atenta aos detalhes, costuramos alguns fragmentos e tecemos algumas reflexões sobre o território desde o olhar das ciências humanas comprometida em produzir cartografias críticas sobre a paisagem inscrita.

Com relação aos procedimentos, o estudo ocorreu em três etapas principais de exploração, a seguir descritas mais detalhadamente. Na primeira, realizamos a busca por textos disponíveis utilizando a combinação dos seguintes descritores na busca: “Morro da Queimada” e “Florianópolis”. Assim, foram considerados tanto artigos científicos publicados em periódicos e analisados por pares quanto outros trabalhos acadêmicos sobre o assunto. A escolha por tal combinação de descritores conectados por caracteres de busca define um recorte para pesquisa com relação à localidade que buscamos trabalhar, visto que o nome Morro da Queimada corresponde também a outros territórios em outras regiões do país.

Os trabalhos obtidos nessa etapa, ao todo somando 198 resultados para a pesquisa, foram analisados seguindo a estratégia de que, inicialmente, realizamos uma leitura preliminar dos textos integralmente para averiguar o contexto da citação do território no trabalho, já que o critério de exclusão por título e resumo mostrou-se insuficiente. A partir dessa leitura inicial do corpo dos textos, os trabalhos foram excluídos por não se encaixarem nos critérios básicos estabelecidos. Apenas trabalhos nos quais o termo “Morro da Queimada” era citado de maneira relevante passaram para a segunda etapa. Dos 198 resultados obtidos na primeira etapa, restaram 9 trabalhos ao final.

As nove produções selecionadas nesta primeira etapa diziam respeito, predominantemente, à área da Educação, sendo alguns outros advindos da Geografia, da Antropologia Social, da Sociologia

e Ciência Política e do Serviço Social. Importante destacar que, dos trabalhos encontrados na pesquisa, nenhum deles pertencia à área da psicologia, o que sinaliza a importância da realização de estudos que caminhem nesta direção, buscando aproximações com este território de grande importância na composição da história da cidade.

Na segunda etapa realizamos uma leitura cuidadosa a fim de obter informações mais detalhadas. Com isso, os trabalhos selecionados foram sistematizados em tabelas segundo algumas informações de identificação para organizar o processo de análise dos materiais: 1. Título do estudo; 2. Tipo de documento (artigo, monografia, dissertação ou tese); 3. Temática principal; 4. Ano de publicação; 5. Link para acesso; e 6. Palavras-chave. O intuito nessa segunda etapa foi o de sistematizar algumas informações sobre as publicações.

A última etapa deste trabalho consistiu na leitura pormenorizada destes trabalhos, que com base em uma metodologia sensível de leitura da paisagem buscou entender com maior propriedade o que foi produzido sobre o território. As análises pautaram-se nas discussões sobre dialogia e alteridade em Bakhtin (2011, 2013) e ao longo das leituras realizamos anotações com observações e apontamentos que se mostraram relevantes para a construção da discussão sobre o território da Queimada e as narrativas acadêmicas que o circunscrevem.

Sobre o que se escuta e sobre o que mais se pode ouvir

Discursos engendram formas de enunciação que, por sua vez, correspondem a lugares enunciativos, carregando consigo impossibilidades inerentes, contradições e constrangimentos. No jogo de tensionamentos entre as diversas vozes sociais que compõem a linguagem, instaura-se um constante embate pelas significações últimas e estáticas. Neste emaranhado que se apresenta, analisar os sentidos dos diferentes enunciados é pensá-los situados no tempo e no espaço, onde forças homogeneizantes continuamente se chocam com forças que visam depor uma hegemonia instaurada, rompendo com as monologias (Machado & Zanella 2019). O interesse pela leitura das produções sobre o Morro da Queimada é uma tentativa de aproximação com os modos como são vistas as experiências da comunidade, que vozes se fazem ouvir nos textos e quais são silenciadas nessas produções científicas, uma tentativa de busca pelas vozes presentes nos textos (Amorim 2002).

Um número expressivo dos trabalhos pertencia à área da educação, sendo teses, artigos e dissertações com diferentes objetivos tendo como ponto em comum para o estudo o fato de abordarem o Morro da Queimada. Tais abordagens não se caracterizavam necessariamente pelo estudo do território como seu objetivo principal, mas recorriam a ele para contextualização de suas pesquisas no corpo do texto. Os estudos da área da educação se propunham a abordar a experiência política e

pedagógica da Comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz (Dantas 2012), discutir práticas pedagógicas a partir de culturas e saberes africanos em uma unidade de ensino da Queimada (Cardoso & Mezzomo 2018), analisar os projetos profissionais de jovens estudantes do Maciço (Tonn 2017) e como são abordadas as relações étnico-raciais no ensino infantil das escolas da localidade (Freitas 2016).

Os demais artigos analisados compõem distintas áreas do conhecimento e caracterizavam-se por possuir objetivos que confluíam na contextualização do território do Maciço, por consequência, abordando o Morro da Queimada como uma das comunidades ali presentes - com exceção de um artigo que discute a implementação da Lei Federal 10.639/03 em uma das unidades de educação infantil localizada na comunidade (Cardoso & Cardoso 2017).

Dois trabalhos se destacaram como orientados a discussões sobre o território do Maciço, um da antropologia social e outro da geografia, que se propunham, respectivamente: a repensar a cidade de Florianópolis através das discussões sobre antropologia e alimentação, escolhendo como perspectiva o Morro do Mocotó, outro morro da região que por vezes se integra e aproxima do Morro da Queimada e que compõe o território do Maciço (Gonçalves 2015). E a discutir as diferentes territorialidades do MMC em seus distintos tempos cronológicos, desde o início de sua ocupação até tornar-se território contemplado pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), projeto do Governo Federal lançado no ano de 2007 pelo governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) (Tomás 2012).

A seguir apresentamos aspectos elencados e analisados nos materiais, a saber: a ausência de produção acadêmica como discurso, a perspectiva da precariedade e outras narrativas sobre o Morro da Queimada como, por exemplo, a experiência do Fórum das Comunidades do Maciço. Destacamos por último, nas entrelinhas dos textos, a Queimada como território quilombola ao preservar elementos da cultura local e da identidade negra, através de práticas de resistência cotidianas.

Da ausência de produção acadêmica ao discurso de precariedade

Durante a busca pelas publicações na base de dados, foi notável a escassez de conteúdo sobre a comunidade nos estudos disponíveis, somando-se todas as áreas do conhecimento. Em um primeiro olhar, esta lacuna fez-se presente na pesquisa impondo-se, antes de tudo, como presentificação de uma ausência. A ausência de território na produção acadêmica indica alguns pontos da dinâmica social e seus tensionamentos de força, de exclusão e de silenciamento. A invisibilização de determinadas comunidades nas narrativas operantes constitui-se como apagamento discursivo, não sem efeitos na materialidade dos corpos e dos espaços. A ausência de produções acadêmicas que

buscam debruçar-se sobre este território em sua complexidade reflete, justamente, a invisibilização discursiva que circula socialmente. Observamos que tal ausência reitera certos lugares simbólicos, sem ampliar conhecimentos sobre as dinâmicas territoriais e o que se produz ali de vida.

A problemática da invisibilização a qual nos referimos se entrelaça com a discussão do reconhecimento ético e político de tais corpos - corpos negros neste estudo. O corpo, sendo um fenômeno social, é atravessado pelas instituições e relações discursivas, estando exposto aos outros (Butler, 2015). Portanto, é atravessado por diversas instâncias, estando submetido a fatores que permitem, ou não, seu reconhecimento. No livro *Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto*, Judith Butler destaca que o processo de reconhecimento de outro corpo se insere dentro de contextos das micro e macro relações, dependendo, portanto, de um conjunto de normas que permitem certas dinâmicas de reconhecimento dentro da ordem social e política. Nessa direção, colocar em discussão a invisibilização sinaliza não só que a possibilidade do reconhecimento surge no contexto das relações sociais simbólicas, mas também que a circulação dos corpos invisibilizados e marginalizados depende de uma certa disposição social e seus enquadramentos.

Nesse sentido, a pesquisa revelou o que parece ser uma impossibilidade de enquadramento nas pesquisas, dificuldade de pensamento, ou poderíamos dizer um limite do olhar, devido a pressuposição de tipos específicos de vida e modos de viver. Para além da intenção de invisibilizar, que seria atribuída a determinadas macroestruturas e às narrativas históricas, parece tratar-se de um limite da compreensão e da apreensão, intimamente relacionado a determinadas restrições normativas que interpelam o reconhecimento e a representação.

Ao realizar a análise dos textos vemos que somente um dos resultados encontrados possuía expressamente o termo “Morro da Queimada” presente no título de um artigo que problematiza e discute as implicações da Lei Federal 10.639/03 nas práticas pedagógicas de promoção de igualdade racial na Creche da comunidade. Com relação à abordagem do território, os autores se detêm em um parágrafo a respeito da composição dos moradores que ali residem, predominantemente de migrantes negros e “famílias desfavorecidas nos aspectos de ordem social e econômica” (Cardoso & Cardoso 2017, p. 91).

A leitura dos materiais revelou uma narrativa que se repetiu em diversas publicações, com variações de tonalidades, no entanto, em um delineamento próximo ao de construções hegemônicas de distinção entre o que está dentro e fora da ordem urbana e do ordenamento social. Evidenciaram-se discursos que reproduziam certo distanciamento ontológico (corpóreo e territorial) no binômio asfalto/favela (de Souza e Silva e Barbosa 2013). Descrições que destacavam ausência de estruturas habitacionais, de acesso aos serviços básicos como água e saneamento, ou questões legais

relacionadas à posse dos terrenos e à residência se repetiram, como observa-se nos trechos selecionados a seguir: “Próximo à escola existem duas praias e muito lixo nas praias que são trazidos pelas marés e também dispensados pelos próprios moradores, além de afloramento de esgoto” (Tonn 2017, p. 47). “O professor-guia, morador da comunidade José Mendes, relatou-nos que há poucos registros históricos sobre o bairro e que há uma fronteira social muito fulgente entre os moradores da ‘parte baixa’ (José Mendes) e os da ‘parte alta’ (Morro da Queimada)” (Dantas 2012, p. 189). E ainda:

Com relação ao lixo, há sim resíduos espalhados pelas ruas, principalmente no Morro da Queimada, onde há uma lixeira improvisada para que os moradores do Mocotó possam colocar seus lixos. Mas mais do que uma desorganização dos moradores, há um grande descaso do poder público. (Gonçalves 2015, p. 19).

Nos estudos acima mencionados, identificamos uma abordagem sobre o Morro e suas existências como pouco adequadas, ainda que por diferentes modos de construção argumentativa. A produção de conhecimento sobre a Queimada evidencia modos de narrar a experiência territorial da comunidade constituídos e atravessados por uma hegemonia política e cultural que possui o poder – e a possibilidade – de nomear o dentro e o fora do dito processo civilizatório, ou do progresso. Não desconsideramos a urgente necessidade de garantir os direitos sociais mínimos relativos à moradia e infraestrutura local, aspectos que deveriam ser prioridades no plano diretor municipal. Nossa análise não buscou apenas evidenciar discursos higienistas ou a defesa de um suposto ordenamento urbano, nem reduzir tais trabalhos a essas narrativas. A pesquisa reconheceu, no entanto, certa tendência em definir os espaços da comunidade pela negação, ou seja, por aquilo que os afasta da metrópole e de sua organização socioespacial (Perlman 2003). Ecoam nos textos vozes sociais por vezes amalgamadas com práticas sociais hegemônicas, discursos que atravessam as pesquisas e que dizem sobre modos de vida desejáveis socialmente.

A ênfase na descrição dos aspectos físicos e jurídicos dos assentamentos e construções evoca a ideia de um problema que demanda solução, intervenção, conduzindo um debate para as narrativas de precariedade. Sob essa ótica, o retrato do lugar destaca suas carências geralmente acompanhado de propostas voltadas à sua suturação.

Essa prerrogativa pode apresentar um caminho não muito distante do olhar em negativo, da distinção social a partir de um lugar fixo, sem que haja um ponto de inflexão no discurso. A denominação de precariedade revela implicitamente o referencial dicotômico que se impõe, um certo referencial arquitetônico, de modos de existência e de vivências no espaço, marcando simbolicamente o território e os corpos que o compõe com a insígnia da ausência.

Nos materiais analisados, é possível reconhecer, em algumas passagens, elementos que compõem tais construções narrativas, denotando também certa concepção dos processos de ocupação

do território a partir de perspectivas lineares, de uma história que é retilínea, contínua e composta por elementos que vão somando-se temporalmente.

A recorrência de trechos sobre a precariedade na infraestrutura urbana no Morro da Queimada presente no material analisado reproduz e reforça discursos institucionalizados no cotidiano da vida na cidade. Visões que limitam a compreensão dessa comunidade ao focar apenas na precariedade, negligenciando seus aspectos mais amplos.

Assim, a comunidade é descrita: “suas residências são de alvenaria e/ou madeira, sendo que as mais precárias se encontram no pico mais alto do morro, em terrenos muito inclinados, sem infraestrutura adequada e sem segurança” (Tonn 2017, p. 48). O trecho acima, retirado de uma dissertação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, tinha como objetivo analisar as características dos projetos profissionais de jovens estudantes de escolas públicas localizadas no território do Maciço do Morro da Cruz. A citação diz respeito ao Morro da Queimada, quando a autora inicia a caracterização do território, no qual uma das escolas em que foi realizado o estudo está inserida. A descrição com enfoque nas condições das residências e da infraestrutura dos serviços essenciais é umas das poucas abordagens ao longo da dissertação. A autora aborda a relação da comunidade e da associação dos moradores com a escola, destacando a parceria entre as duas últimas instâncias e o interesse em fazer a comunidade e a escola manterem a proximidade – enfoque que abre para outras discursividades para além da precariedade identificada nos textos acadêmicos.

A problemática levantada nesse artigo sobre tais compreensões sobre a comunidade diante do que se obteve nas análises é referente aos elementos em comum na grande maioria das publicações, o que, como hipótese, são indicações da produção simbólica presente e fundante do discurso. A linguagem exprime as mudanças e transformações ideológicas das organizações sociais e econômicas e materializa-se em vários enunciados, expressando pactos sociais operantes. As manifestações e registros discursivos carregam consigo, portanto, a marca dessas organizações, seus valores e orientações, ao mesmo tempo que atuam nessas realidades, concretizando-se nas interações.

Ao analisar esses estudos observamos, por outro lado, discursos que possibilitam reconhecer o território do Morro da Queimada em uma perspectiva dialógica - aspecto que nos debruçamos a seguir.

Outras narrativas sobre o Morro da Queimada

Alguns trabalhos analisados trouxeram também discursos sobre o território e outras narrativas sobre a feitura do espaço cotidiano e, acerca disso consideramos relevante destacá-los e analisá-los

em busca de uma problematização sobre a imposição de um único modo de ser e habitar o espaço urbano.

Nos estudos analisados, observamos que a Queimada é descrita como uma comunidade composta por pessoas advindas de diferentes regiões de Santa Catarina e de outros estados. Os moradores, em sua maioria pessoas negras, permanecem excluídos dos processos sociais e econômicos e citam que os adultos geralmente possuem pouca escolarização (Cardoso & Cardoso 2017). Apesar da comunidade estar situada na região central de Florianópolis, que lidera o topo da lista das capitais com o maior índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que corresponde a 0,847, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD 2020).

Embora os trechos elencados dos estudos indiquem novamente as dificuldades enfrentadas pela população, identificamos nas entrelinhas dos textos, justamente o que poderia ser reconhecido como diversidade cultural e preservado como patrimônio na composição da paisagem da cidade nos textos acadêmicos. Vejamos:

a comunidade do Morro da Queimada é constituída quase que na totalidade por imigrantes. Essa cartografia humana da comunidade foi sendo constituída pelas identidades múltiplas das famílias [...] de diferentes regiões do Estado. Diferentes histórias de vida, culturas, religiões e jeitos de ser, com suas pertenças e legados ancestrais em sua maioria afro-brasileira (Cardoso & Mezzomo 2018, p. 596).

As pessoas que migraram para o Maciço do Morro da Cruz em busca de melhores condições de vida, constituíram-se a partir de identidades afro diaspóricas, por processos de dispersão e por movimentos migratórios que ocorreram de forma voluntária ou forçada - como a escravização. Nesse contexto trouxeram consigo diferentes histórias e modos de vida que merecem destaque, especialmente o que diz respeito à ancestralidade afro-brasileira (Cardoso & Mezzomo 2018).

Cabe sinalizar que o território do Morro da Queimada encontra-se em processo de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombos pela Fundação Cultural Palmares (FCP), atualmente aguardando análise técnica (Secretaria de Estado de Santa Catarina 2018). Isto porque os moradores que migraram para a capital, deslocaram-se do quilombo Toca Santa Cruz, localizado em Paulo Lopes, cidade pouco distante de Florianópolis. Porém, tais territórios podem ser significados na contemporaneidade através da presença de laços de africanidade entre seus moradores. Com semelhante configuração, o Morro da Queimada constitui-se como um território que mantém vivos os elementos das culturas locais e as formas de viver das comunidades, através de práticas de resistência cotidianas. São espaços marcados pela resistência histórica, ou seja, sobreviventes de um passado colonial manifestado em forma de discriminação e racismo.

A concepção de quilombo urbano tem sua formação ligada ao cotidiano dos trabalhadores negros das cidades e aos processos de exclusão vividos nesse espaço. No século XIX, com a expansão das cidades e a abolição da escravatura, territórios quilombolas passaram a viver no alto dos morros, onde, então, a ocupação das terras encontra-se relacionada com a manutenção institucional de um regime discursivo colonial que discrimina, segrega, estigmatiza e marginaliza a população negra. Entretanto, constituem-se como espaços diversos, compostos por diferentes narrativas, memórias, modos de vida e culturas – o que mobilizou o próprio Movimento Negro Unificado – MNU a reivindicar uma educação escolar quilombola na localidade, aspecto que trataremos mais adiante.

Nesse sentido, as experiências territoriais que constituem o Morro da Queimada e seus modos de uso do território, presentificam os modos de resistência histórica frente às tentativas reiteradas de invisibilização de outras formas de criação e de produção de vida que constituem os espaços da cidade. As práticas coletivas e comunitárias que emergem desta territorialidade dizem de como mantém vivos os saberes locais e a cultura afro-brasileira. Tais elementos pouco destacados nas publicações estão, no entanto, “fortemente presentes na comunidade seja pela cultura do samba, dos batuques, do funk” (Cardoso & Mezzomo 2018, p. 597), ou por práticas religiosas afro-brasileiras que ali (re)existem.

O ponto nodal desse modo de descrever o Morro da Queimada converge de forma expressa em textos que abordam as comissões do Fórum das Comunidades do Maciço do Morro da Cruz, organização política de moradores/as das comunidades integrantes do Maciço. No final da década de 1990, com o intuito de organizar e sistematizar as demandas políticas das comunidades dos morros do Maciço, o Fórum teve sua origem vinculada a determinados setores da Igreja Católica e a alguns partidos políticos (Dantas 2012).

Nesse caso, nos propomos a observar outros usos possíveis para o território analisado, para além das concebidas narrativas sobre sua precariedade, em especial, leituras marcadas pela colonialidade, a saber, as experiências de ações coletivas - considerando que não foi foco exclusivo deste trabalho o estudo sobre o Fórum.

O trabalho conjunto das comissões visava a discussão e a consonância das atividades pensando na melhoria da qualidade de vida da população moradora do Maciço. O Fórum surge como organização possível e necessária em meio à preocupação com relação ao contexto histórico de escassez de políticas públicas e violência advinda de ações do narcotráfico e da polícia no território, objetivando melhorias nas condições de infraestrutura nos morros, estabelecendo relações entre o Estado e a sociedade civil, não obstante, com limitações (Dantas 2012). O autor afirma que:

O FMMC [Fórum do Maciço do Morro da Cruz], desde a sua gênese, destacou-se como um movimento que se empenhou na luta por uma sociedade mais democrática, onde as diferenças sociais não fossem tão gritantes, onde os direitos e a dignidade humanas fossem respeitados, sobretudo o direito à terra e o direito à vida (Dantas 2012, p. 130).

No trecho acima evidencia-se o caráter de luta popular pelo direito à terra e o direito à vida em que a atuação dos sujeitos envolvidos parte dos usos do território e de um processo histórico, vinculados à população moradora das comunidades, aos movimentos sociais, sindicatos, entre outros, sinalizando a sua dimensão coletiva. Elaine Tomás (2012), aborda as diversas territorializações e reterritorializações do Maciço ao longo da história e escreve sobre o movimento do Fórum e sua capacidade de organização comunitária, apontando que este operou como redefinidor das lógicas de poder disseminando um modelo de gestão coletiva que reposiciona a realidade vivida e os sujeitos históricos.

Pela primeira vez o conjunto das comunidades do Morro da Cruz passa a contar com uma territorialidade definida a partir dos próprios moradores e não de agentes externos “[...] vai ganhando visibilidade, o que configura novas relações de poder perante as instituições públicas e a própria ‘cidade legal’”. (Tomás 2012, p. 227). A ideia de um território unificado no Maciço do Morro da Cruz emerge da identificação de demandas em comuns entre moradores e lideranças comunitárias. Essa convergência permitiria ressignificar as relações de poder locais, consolidando uma nova territorialização (Tomás 2012).

Vale salientar, ainda sobre o Fórum, um estudo realizado na área de sociologia política, por Paulo Krischke e Cíntia Fernandes (2010) que realizaram um grupo focal com os moradores do Morro da Queimada e adjacências com o objetivo de avaliar o Fórum das comunidades do Maciço.

Os autores ressaltaram o caráter deliberativo e comunitário observado no grupo, onde os participantes eram reconhecidos por sua capacidade de propor e decidir sobre pautas de interesse coletivo. Essas reflexões permitiram, posteriormente, analisar a própria dinâmica comunitária nos espaços do morro.

Não será demais sugerir, que estas características das políticas deliberativas do grupo relacionam-se aos estilos e formas de vida, que os participantes adotam no seu cotidiano, e também nos modos de organização das atividades que escolhem realizar, principalmente aquelas que envolvem a arte como forma de enunciação e comunicação sócio comunitária (Krischke & Fernandes 2010, p. 357).

Nesse sentido, os autores destacaram na escrita o que eles caracterizaram como uma forte tendência nesse espaço: a mobilização comunitária para a sustentação de reivindicações e para auxiliar na luta contra a dominação e intervenção de políticos e instituições externas nessas comunidades. Além da organização dos moradores frente a práticas clientelistas exercidas por

políticos, Krischke e Fernandes (2010) também apontam a resistência deles perante as organizações sociais que acabam operando por lógicas assistencialistas cristalizadas e que impediriam a renovação política.

A partir de algumas pesquisas encontradas que tratam sobre a experiência do Fórum do Maciço, foram abordados modos de uso do território a partir de vivências das comunidades, evidenciando processos que emergem daquele espaço, pelos atores que ali vivem e colocam suas vozes para manifestar suas demandas. A escrita sobre essas experiências, então, aproximou-se do que poderíamos chamar de usos do território, tomado não somente por suas características físicas e suas formas, mas pelas produções tecidas com o território, as relações intersubjetivas que denotam sua existência coletiva, seu sentido de lugar (Santos 2003).

Nesse caminho, observamos nas entrelinhas dos diferentes estudos analisados, outras tantas histórias e experiências de vidas neste território quilombola, ainda não narradas ou pouco visíveis nos trabalhos acadêmicos. Reiteramos a importância de que a comunidade científica se envolva na construção de conhecimentos que visibilizem histórias que resistem e ecoam, que combatam a colonialidade do saber tal como recomendava Nego Bispo (2023). Aqui vale mencionar as rememorações produzidas na pesquisa sobre uma performance urbana que se propôs a escutar um antigo rio que corria na região central de Florianópolis, depois coberto de concreto. Apagada a sua existência, o estudo investe nas memórias submersas, voltando-se aos rastros apagados que resistem na oralidade (Pasqualotto, Zanella e Fonseca 2020).

Podemos evidenciar ainda, a dissertação de mestrado da professora Karla Vargas (2016) sobre os saberes das populações de origem africana no Maciço, ancorando-se em perspectivas epistemológicas decoloniais, que, posteriormente, transformou-se em um importante material didático que pode subsidiar o reconhecimento da afirmação da diversidade cultural e da consolidação de uma educação das relações étnico-raciais.

Do referido trabalho, lançamos luz para alguns movimentos sociais importantes que têm realizado o combate ao racismo enfrentado pelo Maciço do Morro da Cruz ainda nos dias de hoje. Um deles o MNU – Movimento Negro Unificado com intervenções de denúncia das especificidades do racismo no Brasil e com atuação fundamental para a conquista de direitos para a população negra, conforme destaca Nilma Lino Gomes (2017). Na região do estudo, deve-se a implementação da Educação Escolar Quilombola em Santa Catarina às reivindicações do MNU.

Vale destacar ainda, a importância de um outro movimento, voltado ao contexto acadêmico e científico: a ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, fundada em 2000, que se destina “à defesa da pesquisa acadêmico-científica e/ou espaços afins realizada prioritariamente por

pesquisadores/as negros/as, sobre temas de interesse direto das populações negras no Brasil”, como organização com significativa inserção no campo acadêmico em prol do combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação racial. (ABPN 2026).

Nessa direção, consideramos a importância de produzir outros estudos, em diferentes campos do conhecimento, que abordem o território a partir de uma epistemologia sul americana, decolonial, com base na cultura afro diaspóricas e indígenas (Amaral & Siqueira Junior 2020; Collins & Bilge 2020; Freire 2025). Evidenciamos no estudo a urgência de estudos que reconheçam o território como campo de conflitos, para além dos discursos de precariedade e dos movimentos de resistência, que apontem para as invenções de futuros, as histórias e memórias, as recriações do espaço, e das paisagens, dos coletivos e dos sujeitos. A análise dos diferentes textos aponta para a urgência de políticas públicas de combate ao racismo estrutural e da colonialidade do poder (Mignolo 2027), especialmente no que prevê a Lei 10.639/03, sobre a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira na rede de ensino. O corpo de publicações analisadas nesse estudo indica a necessidade de decolonizar a universidade, ou seja, de uma profunda revisão no modo como a universidade tem garantido a inclusão das relações raciais no ensino, na pesquisa e na extensão, para além das problemáticas sobre ações afirmativas de acesso e permanência no ensino superior.

Considerações Finais

Neste estudo nos propusemos a destacar e analisar alguns discursos presentes nas produções acadêmicas sobre o território do Morro da Queimada, tendo em vista que a comunidade se configurou como espaço de pesquisa e intervenção do grupo de pesquisadores.

Do ponto de vista metodológico, o levantamento realizado permitiu encontrar textos de diversos tipos e visibilizar discursos estereotipados sobre as comunidades do Maciço do Morro que circulam nos espaços formativos das universidades, mas apontamos que para uma revisão bibliográfica mais robusta, outras bibliotecas virtuais e bancos de dados científicos podem ser acessados em estudos futuros.

As análises produzidas nessa investigação indicaram um território negro, sujeito a enunciados marcados pela institucionalização e por imagens consolidadas sobre as comunidades que habitam os morros em Florianópolis, assim como em outras capitais brasileiras. Os recortes apresentados, revelam tendência à homogeneização do discurso sobre o espaço, marcados por narrativas de ausência. Discursos talvez mais fixos do que a circulação no espaço habitado propicia, do que as relações intersubjetivas que se dão no território por quem ali vive permitem. Evidenciamos nas

pesquisas analisadas um maior enfoque sobre a precariedade da localidade e um número reduzido de investigações sobre o território escolhido.

No entanto, alguns estudos confrontam discursos hegemônicos sobre a mesma comunidade, porém focados em outras perspectivas: na exposição de experiências locais e territorializadas. Como por exemplo, a experiência do Fórum. Experiências desta natureza, poderiam reconfigurar as relações de poder ali operantes e produzir outras discursividades? O Fórum revela comunidades organizadas politicamente que, para além das diferenças que as conotam, potencializam a articulação. As entrelinhas dos textos publicados permitem observar que no Morro da Queimada, território quilombola, pessoas produzem uma história coletivamente e, embora invisibilizadas, constituem uma reterritorialização de afirmação da identidade negra.

Destacamos a coexistência de outras vozes nos textos encontrados e algumas brechas relacionadas aos usos do território e algumas das publicações. Abrem-se assim, possibilidades de outros estudos que abordem a temática da produção discursiva sobre os territórios, em especial, à psicologia que contemporaneamente vem aproximando-se de uma epistemologia antirracista e mais atenta para as contribuições dos povos tradicionais à vida (Conselho Federal de Psicologia 2019).

É necessário que a Psicologia fortaleça debates que desloquem o saber de uma matriz eurocêntrica, de maneira a recusar colonialismos epistêmicos que nortearam a ciência e a profissão. Nesse cenário, contrapondo-se ao paradigma da ciência moderna universalista, a discussão sobre as territorialidades surge como essencial para recuperar memórias históricas e coletivas, além do reconhecimento do espaço urbano na produção de subjetividades. Assim, o território – investido de subjetividades, afetos e símbolos – e o direito à terra consolidam-se como discussões indispensáveis para a promoção da saúde das populações.

A partir do que foi problematizado, podemos considerar principalmente a coexistência de diversos discursos sobre o Morro da Queimada que, fazendo emergir disputas de poder verticalizadas, expõe resistências e outras denominações para o sentido e os fazeres no espaço. E retomamos aqui a importância de decolonizar a produção acadêmica e acrescentar às narrativas dos eventos históricos o cuidado ao escutar a história daqueles que não tiveram destaque no que se desdobra como a história dos vencedores, unindo à necessidade de romper com as narrativas sobre os espaços que operam em sua estruturação e na manutenção de produções culturais e psíquicas.

Consideramos importante dirigir o olhar criticamente ao que é produzido sobre os vencidos da história, sobre quem, em geral, não teve direito a existir nos registros históricos e nas narrativas sobre o que deve e pode ser lembrado. Faz-se necessário romper com a ideia de progresso na história, com as narrativas que se encerram em si mesmas. Essa ruptura é do tempo presente e ocorre ao dirigir

o olhar novamente ao passado, buscando elementos que não estão narrados, mas que estão na história, brechas no discurso, fendas utópicas que lampejam na rememoração.

Referências Bibliográficas

Amorim, Marília. 2002. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, 116, 7-19. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200001>

Assis, Neiva de. Diritti umani per chi? Sofferenza etico-politica, educazione antirazzista e pratiche comunitarie. *Democrazia e sicurezza*, v. XII, p. 131-149, 2024.

Assis, Neiva de. Rehen, J. M. K. C. ; . *Educação e produção de memórias: sujeitos e(m) territórios*. In: Zanella, Andrea Vieira; Marin, Sigifredo Esquivel e Arredondo, Ernesto Menchaca. (Org.). *Crítica y creación en la investigación social y humanística*. 1ed.São Carlos: Pedro e João, 2026, v. 1, p. 191-208.

Assis, Neiva de; Gesser, Marivete. *Caminhar como prática educativa criadora: encontros com pessoas com deficiência na cidade*. In: Allan Henrique Gomes; Eliane Regina Pereira; Neiva de Assis. (Org.). *Arte e processos de criação na formação em Psicologia*. 1ªed.São Carlos: Pedro & João, 2023.

Assis, Neiva de. *Fotografar no/com o território: Exercícios de olhar em contextos educativos*. In: Jardel Pelissari Machado, Andrea Vieira Zanella. (Org.). *Fotografar, pesquisar, escrever*. 1ªed.Florianópolis: ABRAPSO, 2023, v. 1, p. 102-127.

Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. Institucional. 2026. <https://abpn.org.br/institucional>

Bakhtin, Mikhail. 2011. *Estética da criação verbal*. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979).

Bakhtin, Mikhail. 2013. *Problemas da poética de Dostoiévski*. (P. Bezerra, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1929).

Benjamin, Walter. 2012. Sobre o Conceito de História. In W. Benjamin (S. P. Rouanet, Trad.), *Obras Escolhidas: Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Vol. 1, pp. 241-252). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1985).

Bosi, Alfredo. 1992. O tempo e os tempos. In: Aداuto. Novaes (org.), *Tempo e história* (pp. 19-33). São Paulo: Cia das Letras.

Butler, Judith. 2015. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto*. (S. Lamarão e A. M. da Cunha, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Original publicado em 2009).

Cardoso, Cintia. Mezzomo, Márcia Theodoro. 2018. Multiculturalismo: um canto na mata ecoou os saberes através da oralidade, brincadeiras, músicas e prosas. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)* 10 (Ed. Especi): 594-611. <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/473>

Cardoso, Paulino de Jesus Francisco. Cardoso, Cintia. 2017. A diversidade vai à creche: reflexões sobre a implementação da Lei Federal 10.639/03 na Creche do Morro da Queimada em Florianópolis. *Revista Vernáculo*, 39, 87-106. <https://doi.org/10.5380/rv.v0i39.42367>

Cavalcante, Livia Teixeira Canuto. Oliveira, Adélia Augusta Souto de. 2020. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, 26(1), 83-102. <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>

Collins, Patricia Hill; Bilge, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2020.

Conselho Federal de Psicologia. 2019. *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) para a atuação de psicólogas(os) com povos tradicionais*. Brasília: Autor. <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-com-povos-tradicionais>

Dantas, Jeferson Silveira. 2012. *Espaços coletivos de esperança: a experiência política e pedagógica da Comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz em Florianópolis/SC* (Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96346>.

de Souza e Silva, Jailson. Barbosa, Jorge Luiz. 2013. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, 1, 115-126. <https://doi.org/10.12957/cdf.2013.9062>

Freire, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

Freitas, Priscila Cristina. 2016. *A educação das relações étnico-raciais na educação infantil: entre normativas e projetos políticos pedagógicos* (Dissertação de mestrado, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/174895>.

Gomes, Nilma. Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas poremancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Gonçalves, Beatriz Correa de Oliveira. 2015. *O ensopado que alimenta, identifica e dá nome ao Morro do Mocotó - Florianópolis, SC*. (Dissertação de mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/160780>.

Jasmin, Marcelo. 2015. Silêncios da História: experiência, acontecimento, narração. In Adauto. Novaes (org.), *O silêncio e a prosa do mundo* (pp. 249-272). São Paulo: Edições SESC.

Krischke, Paulo. Fernandes, Cíntia SanMartin. 2010. Estilos de vida e políticas deliberativas. *Revista de Ciências Humanas da UFSC*, 44(2), 343-362. <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2010v44n2p343>

Machado, Jardel Pelissari. Zanella, Andrea Vieira. 2019. Bakhtin, ciências humanas e psicologia: diálogos sobre epistemologia e pesquisa. *Psicologia & Sociedade*, 31. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/6gGsXXqW94XJy9vYmrnhgBy/?lang=pt>.

Mignolo, W. 2017. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32 (94). <https://doi.org/10.17666/329402/2017>

Nogueira, Maria Luísa. 2009. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(1), 69-85. <http://doi.org/10.1590/S1984-02922009000100006>

Pasqualotto, Mariana Zabet. Zanella, Andrea Vieira. Fonseca, Tânia Galli. 2020. Se tudo ficasse quieto conseguiríamos escutar o rio? uma intervenção urbana sobre memórias da cidade. *Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas*, 2(38), 1-24. 10.5965/14145731023820200035.

Perlman, Janice. 2003. Marginalidade: do mito à realidade nas favelas do Rio de Janeiro (1969-2002). In *Anais X Encontro Nacional da ANPUR*. Belo Horizonte: ANPUR.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. 2020. *Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil*, Consulta. <http://www.atlasbrasil.org.br/consulta>.

Santos, Milton. 2003. *A Natureza do Espaço - Técnica e espaço, Razão e emoção*. São Paulo: Editora da USP. (Original publicado em 1996).

Santos, Antônio Bispo dos. Cidades e Cosmofobias. In: Santos, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu editora, 2023.

Santos I. N. d.; Silva Neta, M. D. L. D.; Santos, C. D. F. B. F.. Relações Étnico-Raciais na Educação Profissional Técnica de Nível Médio: Uma Revisão Integrativa. **Educação Em Revista**, V. 40, P. E41083, 2024. <https://doi.org/10.1590/0102-4698-41083>

Secretaria de Estado de Santa Catarina. 2018. *Política de educação escolar quilombola*. Florianópolis: Gráfica Coan. <https://www.sed.sc.gov.br/professores-e-gestores/29233-politicas-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais>.

Tomás, Elaine Doriguello. 2012. *Antigos e novos olhares sobre o Maciço do Morro da Cruz: de não território a território do PAC- Florianópolis* (Tese de Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100644>.

Tonn, Camila Felipe. 2017. *Projetos profissionais de jovens estudantes do ensino médio de escolas públicas da região do Maciço do Morro da Cruz: mediações da escola, do trabalho e da classe social* (Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187054>.

Vargas, Karla Andrezza Vieira. 2016. *Vozes, corpos e saberes do Maciço: memórias e histórias de vida das populações de origem africana em territórios do Maciço do Morro da Cruz/Florianópolis* (Dissertação de mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis). <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173542?mode=full>.

Wollmann, Gustavo e Assis, Neiva de. Educação e cidade: publicações direcionadas à juventude. *Educação em Revista* (online), v. 36, p. 1-20, 2020.